

2-2003

25 anos de vida da Província Espiritana de Angola - testemunho e perspectiva

Bernardo Bongo

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/missao-espirtana>

Recommended Citation

Bongo, B. (2003). 25 anos de vida da Província Espiritana de Angola - testemunho e perspectiva. *Missão Espiritana*, 3 (3). Retrieved from <https://dsc.duq.edu/missao-espirtana/vol3/iss3/6>

This Article is brought to you for free and open access by Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Missão Espiritana by an authorized editor of Duquesne Scholarship Collection.

25 anos de vida da província espiritana de angola - testemunho e perspectiva

Os 25 anos da Província espiritana de Angola são dos anos mais difíceis e dolorosos da nossa história missionária espiritana. Nascer e crescer num ambiente de guerra não é fácil, mas é possível. E se a acção do Espírito de Deus contribui muito para esse nascimento e crescimento, não terá sido menos importante um duplo dinamismo missionário que caracterizaram estes tempos: a presença sofrida dos missionários no meio do povo deslocado, atacado e destruído, por um lado, e, por outro, a solidariedade evangélica de tantos que, do exterior, apoiavam, incentivavam e rezavam. O autor que viveu duramente na pele as consequências da guerra, dá-nos conta, neste seu testemunho e reflexão, da forma como a Província foi sentindo esta solidariedade e traçou o seu caminho de esperança e de paz, no meio de tanta fome e destruição.

1. Introdução e gratidão.

Ao celebrar 25 anos de existência, a Província espiritana de Angola (1977 – 2002), é convidada pela revista “Missão Espiritana” a repensar a caminhada realizada, no sentido de fazer a memória viva desta fase da sua história. Sem dúvida que o percurso é rico de densidade celebrativa; mas nem tudo cabe neste espaço. O que fica dito seja apenas ‘símbolo’ do que fica por dizer.

* Espiritano angolano. Foi o primeiro provincial da Província Espiritana de Angola em 1977. Depois de ter vivido e sofrido com a guerra em Angola, foi Conselheiro Geral da Congregação desde 1992 até 1998. Regressou depois ao trabalho missionário em Angola, onde se encontra actualmente.

A dúvida momentânea que se levantou no meu espírito após a leitura do e.mail de convite, assentava na minha incapacidade, isto é, na falta de competência para o tratamento da questão, com profundidade e novidade. Porém, a hesitação foi vencida por duas convicções pessoais: primeiro, a admiração e o respeito que nutro pela dedicação missionária de todos os Confrades, velhos e novos, vivos e defuntos, que desde 1866 a esta data, deram e continuam a dar o melhor de si à *causa missionária* em Angola, lançando as 'sementes espiritanas' que frutificaram em Província. A ingratitude de que somos acusados também tem limites!

Sinto sempre uma comoção de alma quando leio ou recordo aquele grito de gratidão do Papa João Paulo II na exortação apostólica pós-sinodal *Ecclesia in Africa*: «O crescimento esplendoroso e as realizações da Igreja em África devem-se, em grande parte, à dedicação heróica e desinteressada de gerações de missionários. Isto todos o reconhecem. A terra abençoada da África está literalmente semeada de sepulturas de valorosos arautos do Evangelho»¹.

Celebrar 25 anos, portanto, não é fazer nenhuma contagem quantitativa de dias, meses ou anos. Trata-se de regressar às origens de toda uma obra – a Província espiritana – realizada com sacrifício e alegria de doação ao Dono da messe: tarefas cumpridas com generosidade em nome de Deus e da Congregação ao longo dos 137 anos de presença dos *enviados*, prefiro dizer *filhos* de Poulart des Places e Libermann, em Angola.

A segunda convicção que me ajudou a vencer hesitações, prende-se à realidade da Formação espiritana em toda a Congregação. O olvido da nossa dimensão histórica pode originar o surgimento de gerações espiritanas (angolanas também) despreocupadas e distraídas perante todo o dinamismo de solidariedade e partilha que caracterizou as velhas *províncias-mães* da Europa, que geraram as actuais igrejas da África. Seria também uma negação da dimensão de peregrinos que nos caracteriza como família missionária que caminha no tempo e no espaço, animada pela certeza de que amanhã outros virão prosseguir a obra encetada. “No *Início do Novo Milénio*”, magna carta do Santo Padre para a Igreja do terceiro milénio, está patente a confissão de que nas celebrações jubilares de 2000, a Igreja «*tornou-se mais intensamente povo peregrino, guiado por aquele que é “o grande Pastor das ovelhas”*»². Será, assim, lógica a conclusão de que do seu jubileu de bodas de prata, a Província espiritana em Angola deve também sair com renovado dinamismo missionário.

Nos alicerces da construção que é a Província estão bem gravados os nomes de confrades que lutaram e sofreram pela causa. Sem alongar a lista, o que tornaria a ladainha enfadonha, as jovens gerações deverão registar os esforços da Casa Generalícia de Roma que em 1977, no mandato de Frans Timmermans, erigiu o edifício. Ficaram consagrados os trabalhos dos confrades Serafim Lourenço, António da Costa Abreu e Abílio Ribas, então superiores das extintas circunscrições, os Distritos de Sá da Bandeira,

O olvido da nossa dimensão histórica pode originar o surgimento de gerações espiritanas (angolanas também) despreocupadas e distraídas perante todo o dinamismo de solidariedade e partilha que caracterizou as velhas *províncias-mães* da Europa, que geraram as actuais igrejas da África

¹ *Ecclesia in Africa*, n° 35.

² *NMI*, n° 1.

Nova Lisboa e Luanda. Muitos confrades optaram livremente pela pertença à província então nascente. Foi um patente encorajamento. Outros regaram, até à última gota de sangue, o solo da novel Província. O adágio romano *“repetita juvant”* dá-nos margem para *fazer memória*, no jubileu dos 25 anos, de confrades *martirizados* poucos meses antes da criação da Província: P. Adélio Ribeiro Lopes, P. Martinho Thysen e Ir. Afonso Rodrigues. Depois da criação da Província: P. José da Silva Pereira, P. Jean Etienne Wozniak, P. Nicolau Lighthart e P. Abílio da Fonseca Guerra.

A esta solidariedade sacrificial junta-se a presença de todos os confrades que na teimosia evangélica se mantiveram firmes nos seus postos missionários e ao lado das ovelhas, por vezes acordados pela alta hora da noite, pelo tilintar das metralhadoras; e a daqueles que, sabendo que em Angola se respirava fumo de canhão, pisaram esta terra pela primeira vez em ambiente de confrontações bélicas. E se salássemos da solidariedade com letra maiúscula, manifestada pelas Províncias que alimentaram as nossa casas de formação nas horas em que a soma de tudo quanto se possuía totalizava um zero bem redondo?

Assim nasceu, cresceu, desenvolveu e se solidificou a Província!

2. Interpelação - convite do Superior Geral

Em carta datada de 27 de Dezembro de 1993, o Superior Geral, Pierre Schouver, apresentava o seguinte apelo: *«A Província de Angola nasceu e cresceu na guerra e em situações de urgência. Eu sei que vós prevedes que, quando vier a paz, ireis reflectir entre vós para pôr em marcha o Projecto da Província»*.

Em 1997, por ocasião do 20º aniversário da erecção da Província, o Secretariado Provincial, com ajuda da província da Holanda, colocou em nossas mãos uma riquíssima síntese do que foi a Província nos anos anteriores, desde a sua fundação. Os dados oferecidos nas 53 páginas da brochura são de actualidade que não carece nem de correcções nem de acrescentamentos.

Conquanto assim seja, o convite do Superior Geral acima expresso, sugere uma reflexão de redimensionamento da Província, uma vez chegados a esta data do anúncio da paz em Angola. O actual bispo de Lwena. D. Gabriel Mbilingi, então Provincial, na apresentação da conhecida publicação *“Província de Angola – 20 anos”* escrevera com justificado optimismo: *«É hora de acção de graças a Deus que conduz misteriosamente os destinos da história, e de renovada esperança para Angola. Com o início da implementação do protocolo de Lusaka, a longa noite da guerra fratricida começa, paulatinamente, a ceder o lugar à aurora que anuncia para Angola uma paz verdadeira, estável e definitiva»*³.

O ‘desafio Lusaka’ continua de pé e em implementação. Hoje, parece terem-se criado “outras” condições de cumprimento dos mui falados “acordos” para a obtenção da paz, há 25 anos almejada. Exactamente a idade da

A esta solidariedade sacrificial junta-se a presença de todos os confrades que na teimosia evangélica se mantiveram firmes nos seus postos missionários e ao lado das ovelhas, por vezes acordados pela alta hora da noite, pelo tilintar das metralhadoras; e a daqueles que, sabendo que em Angola se respirava fumo de canhão, pisaram esta terra pela primeira vez em ambiente de confrontações bélicas

³ Gabriel Mbilingi, em ‘Província de Angola – 20 anos, pág. 2.

nossa Província espiritana de Angola. Cremos ter chegado a “hora” propícia para cumprirmos com a recomendação acima transcrita, do nosso *mais Velho Pierre Schouwer*. A melhor maneira de celebrar o jubileu dos 25 anos será fazer uma *re-leitura* dos acontecimentos vividos, valendo-nos das orientações que nortearam a família espiritana em Angola. Para isso, vamos ter em consideração os nossos 4 Capítulos Provinciais - 1980/1, 1988, 1995 e 2002, porque «*Missão Espiritana*» quer ajudar a *revisitar o património histórico do labor missionário realizado, mas sempre com uma atenção lúcida aos desafios que hoje se colocam e urgem a determinação para avançar ao largo, com a força do Espírito, para uma longa travessia*»⁴.

Nas horas e momentos em que só se respirava fumo de edifícios a desabar e poeira de pólvora dos canhões, julgávamo-nos esquecidos de Deus e do mundo. Corremos o perigo de esquecer vidas e sacrifícios de Confrades que tanto deram, alguns até à última gota de sangue, as suas vidas por esta Angola

3. Os projectos da Província

Um olhar sereno voltado para as ocorrências históricas das últimas duas, diremos três décadas, permite-nos constatar um vasto horizonte de alegrias e convicções traduzidas em vida e doação missionária desinteressada. Nas horas e momentos em que só se respirava fumo de edifícios a desabar e poeira de pólvora dos canhões, julgávamo-nos esquecidos de Deus e do mundo. Corremos o perigo de esquecer vidas e sacrifícios de Confrades que tanto deram, alguns até à última gota de sangue, as suas vidas por esta Angola. Um perigo, uma tentação, talvez mesmo pecado de dúvida acerca da “hora de Deus” e da sua bondade que se revelam através de pessoas. Temos que nos penitenciar.

Certo. Não esquecemos as dificuldades havidas que por todos foram vividas. Porém, convindo, isso sim, a olhar, como que a “voltar a sentir” o sopro do Espírito ao longo dos jovens 25 anos de existência. Numa peregrinação como é a caminhada de vida da Província, o caminho é feito em equipa. Esta inicia a marcha, avança, corrige as etapas andando e parando, vai estabelecendo rotas mais viáveis. O caminho é feito gradativamente. Assim aconteceu com a Província Angolana, como podemos apalpar nas temáticas de questões trabalhadas nos quatro Capítulos provinciais até hoje celebrados. Foi dessa forma que tentámos tornar visível o Carisma que nos congrega em Congregação e em Província e buscámos a fidelidade à Igreja e ao homem que sofre.

Ano Temáticas dos Capítulos Provinciais

1980	I – A nossa Identidade Espiritana (Carisma) Vida de Comunidade (características. serviços de Comunidade Vida de Oração
	II – Actividades Apostólica (o que espera de nós a Igreja em Angola; disponibilidade; formação cristã; Justiça e Paz; projectos apostólicos)
	III – Formação Espiritana
	IV – Organização da Província
	V – Bens Temporais

⁴ Eduardo Miranda, in revista “Missão Espiritana”, n.º 1, Junho 2002, pág. 3

Ano *Temáticas dos Capítulos Provinciais (Continuação)*

1988	I – Organização da Província II – Formação III – Resposta da Província aos apelos da situação sócio-política do País. IV – Inserção na Igreja local V – Implicações da inculturação na vida da Província
1995	I – Vida Comunitária (comunidades abertas: no acolhimento, no projecto comunitário, na planificação pastoral, nas economias da comunidade); Internacionalidade das nossas comunidades, Espiritanos vivendo sòzinhos, Confrades em dificuldades II – Formação Espiritana III – Vida Apostólica (ad extra, na Igreja local) IV – Organização e Animação da Província
2002	I – Vida em Comunidade II – Vida Apostólica III – Formação IV – Administração e Finanças

Dos traços essenciais que emergem deste quadro, apenas gostaria de incidir e realçar os aspectos que postulam da nossa *doação-dedicação ao Povo, tendo em consideração a real situação descrita ao longo dos 25 anos.*

Estou convencido de que a tão propalada reconstrução de Angola é, antes e sobretudo o reedificar da alma e da cultura angolana, tarefa que postula o nosso real posicionamento missionário.

Na *hora da paz a despontar*, como devem “*situar-se*” a Congregação e Província face ao desafio da reconstrução? Para qualquer ser vivo, a adaptação a um novo meio ambiente não consiste em abandonar a sua *identidade* morfológica; mas, sim, em *afirmar-se* aí, com a vitalidade que lhe é própria.

As urgências missionárias da Província, numa Angola que hoje fala como que a plenos pulmões da “*paz que veio para ficar*”, levam a fazer uma ‘marcha atrás’ no tempo. Embora tristemente, não deixa de ser interessante constatar e ver como durante os últimos 25 anos o mal social cresceu em espiral, tal como foi sendo descrito pelos sucessivos Capítulos provinciais. Haverá quem, de entre nós, não goste de fazer essa ‘marcha atrás’, julgando ser uma insistência nas coisas negativas.

É bom não cairmos no erro em que caem algumas ONG’s que sempre pensaram e agiram de forma terrivelmente matemática e cínica: no dia a seguir ao da assinatura dos acordos, cortam as ajudas e obrigam as populações a caminhar distâncias enormes para regressar às “*suas terras de origem*”. Mas aí não cultivaram, nem sequer existem campos de lavoura. Grande parte das actuais populações já não tem *terra de origem*.

A reconstrução de Angola vai levar décadas e temos que nos mobilizar na seriedade de análise das novas situações e no planeamento de uma acção eficaz.

É bom não cairmos no erro em que caem algumas ONG’s que sempre pensaram e agiram de forma terrivelmente matemática e cínica: no dia a seguir ao da assinatura dos acordos, cortam as ajudas e obrigam as populações a caminhar distâncias enormes para regressar às “suas terras de origem”

A insegurança forçou numerosas populações a abandonarem as suas residências e bens, para procurarem lugares mais seguros. Muitos foram obrigados a emigrar para as zonas de Café, ou a refugiar-se nos subúrbios das grandes cidades e outros lugares

No plano sócio-económico - aumento considerável do êxodo das populações do mundo rural para as cidades, com o consequente desenraizamento cultural; existência e aumento, em muitas províncias do País, de enormes campos de deslocados, a que se tem de acrescentar o assombroso número de órfãos e de crianças "crianças de rua"

Vejamos quão profundas foram as feridas no tecido social angolano. Os nossos capítulos provinciais o afirmam, paulatinamente.

Em 1980, três anos após a criação da Província espiritana e cinco após a independência política do país e do reacender da guerra, a Província definia a real situação de então nos seguintes termos: «Hoje vivemos uma situação criada pelos acontecimentos históricos, de que resultou a saída de grande número de missionários e uma guerra que impede, em grande parte, a nossa acção apostólica, As comunidades cristãs são fortemente sacudidas pelos ventos das novas ideologias, espalhadas por todo o País de vários modos. A insegurança forçou numerosas populações a abandonarem as suas residências e bens, para procurarem lugares mais seguros. Muitos foram obrigados a emigrar para as zonas de Café, ou a refugiar-se nos subúrbios das grandes cidades e outros lugares. Muitas famílias sofrem imenso com detenções e ausências prolongadas de seus membros, carecendo do apoio moral e material»⁵.

Em 1988, com a idade de 11 anos, a província constata: «Reflectindo sobre os principais desafios que nos são postos pelo contexto sócio-político actual, agravado de ano para ano, achamos que derivam, principalmente, de três factores: - confronto da visão marxista com a visão cristã da sociedade e da vida; situação de guerra e suas conseqüências; método governamental de imposição ideológica, pondo em estado de conflito a identidade angolana e a cultura tradicional. Fazendo uma avaliação destes doze anos, no campo da "Justiça e Paz", parece-nos que se agravaram especialmente os seguintes pontos: - degradação moral da sociedade, sobretudo da juventude; miséria, fome e pouca produtividade económica; corrupção e individualismo; ambiente generalizado de violência e insegurança. É oportuno salientar ainda: as numerosas vítimas de guerra (mutilados, deslocados e menores abandonados); a massiva concentração das populações nas cidades; o deficiente nível de ensino»⁶.

Em 1995 o campo do apostolado em Angola era assim descrito: «No plano político-militar: situação confusa entre - uma guerra cujas sombras pairam sobre o país; uma paz ainda não consolidada; e uma democracia atentamente 'vigada'. No plano sócio-económico - aumento considerável do êxodo das populações do mundo rural para as cidades, com o consequente desenraizamento cultural; existência e aumento, em muitas províncias do País, de enormes campos de deslocados, a que se tem de acrescentar o assombroso número de órfãos e de crianças "crianças de rua"; desemprego massivo, que gera delinquência; falta de instrução, o que provoca a frustração e culmina na violência e no crime; analfabetismo, álcool e droga; prostituição e progressão de casos de Sida; corrupção em todos os níveis e camadas sociais; inflação galopante que cria verdadeiros "círculos de pobreza", com a consequente subida de preços e a grande diminuição do poder de compra; inexistência, quase total, de estruturas no campo da saúde e outros; incapacidade de se viver honestamente dos salários, o que

⁵ Cf. Capítulo Provincial de 1980, cap. Vida Apostólica, pág. 14.

⁶ Cf. Capítulo Provincial de 1988, pág. 13.

agrava, sobre maneira, o fenómeno dos chamados “mercados paralelos”; absentismo e perda do sentido do bem comum e do trabalho sério⁷.

No ano 2002 “a realidade do país” conheceu estes contornos: - «Angola continua mergulhada numa guerra fratricida que vai destruindo profundamente as vidas e os bens dos angolanos; o número de deslocados cresceu consideravelmente, não só por causa da guerra, mas também por causa da política de retirar à força o povo das suas aldeias; no plano económico, continua a acentuar-se a diferença entre os pobres e os ricos; a procura desenfreada das terras leva à usurpação das mesmas por parte dos ricos; de um modo geral os salários da função pública continuam a ser de miséria; há um elevado número de crianças e jovens fora do sistema escolar, uma fraca qualidade de ensino e uma crescente taxa de analfabetismo; nas zonas de produção petrolífera e mineira, escasseiam as oportunidades educacionais e laborais para os nativos, provocando assim um grande número de desempregados; nota-se a multiplicação de seitas, com o seu espírito competitivo”⁸.

Em conformidade com o ‘*ser-estar-agir*’ da Congregação no mundo e ao serviço da Igreja, a Província, desde o início, firmou seus passos sobre a plataforma da Comunidade. É essa a convicção que alentou o ânimo dos confrades em momentos de prova e de sofrimento. A título de partilha realçamos algumas dessas convicções.

«Os missionários do Espírito Santo e do Imaculado Coração de Maria – declara o Capítulo provincial 1980 – formam uma Congregação Religiosa de vida Comunitária, numa total disponibilidade para os mais pobres e mais abandonados» (CP80.1). Sobre esta base assentaram as essenciais e programáticas orientações da Província, que nortearam os confrades ao serviço da missão, cónscios de que «temos como Projecto Comum a Vida Apostólica» (CP80,2) e «faz parte do nosso ser o carácter plurinacional e pluriracial dos membros, que devem viver unidos em um só coração e uma só alma”» (CP80,3). É certo que não faltaram dúvidas, algumas misturadas com os ventos da hora, os que olhavam para os poucos espiritanos angolanos e diziam «agora é a vossa hora!». Tentações!

Das características da comunidade espiritana em Angola realçadas em 1980, sublinhamos o “*amor fraterno*”; comunidade “*lugar privilegiado de evangelização para a própria comunidade*”; comunidade “*evangelizadora*”; comunidades “*abertas*” pela solidariedade ao clero local, a outros obreiros apostólicos, às comunidades cristãs e ao laicado»; «comunidades caracterizadas por um espírito de alegria e esperança» (CP80.).

A dinâmica espiritana da jovem Província, desde o início privilegiou a governação por “*Zonas*” ou “*Comunidades regionais*”, reconhecidas mais

Nas zona de produção petrolífera e mineira, escasseiam as oportunidades educacionais e laborais para os nativos, provocando assim um grande número de desempregados; nota-se a multiplicação de seitas, com o seu espírito competitivo

⁷ Cf. Capítulo Provincial de 1995, cap. *Vida Apostólica*, pág 15.

⁸ Cf. Capítulo Provincial de 2002, cap. *A nossa Missão em Angola, hoje*.

tarde pelo Capítulo provincial de 1988 como «*estruturas criadas em Angola, devido às circunstâncias do tempo, que deram bons frutos e, por isso, têm servido e continuam a servir para viver e fazer viver, na província, o carisma da Congregação e o projecto apostólico nas nossas comunidades*» (CP88,4).

É neste palco, já acima descrito, que a Província se reanima nas suas convicções e afirma que «a vida comunitária é sempre possível, quando os seus membros se apresentam com a predisposição e a vontade de a viver, na abertura e na disponibilidade de uns com os outros»

O Capítulo Provincial de 1995 ocorreu num momento histórico de particular densidade de factos: Angola e os seus habitantes estavam sobejamente fatigados da guerra dos “20 anos pós independência”; o protocolo de Lusaka leva a sonhar mil e uma coisas de bem, paz, reconciliação, mas ao longe, embora bem perto de certas diabólicas intenções políticas, o firmamento adensava-se de nuvens com cheiro a novos confrontos. O que, infelizmente, veio a acontecer. É neste palco, já acima descrito, que a Província se reanima nas suas convicções e afirma que «a vida comunitária é sempre possível, quando os seus membros se apresentam com a predisposição e a vontade de a viver, na abertura e na disponibilidade de uns com os outros» (CP 95, 2.1), especificando e concretizando o projecto de vida comunitária que exige Comunidades abertas “nos seus membros”, “no acolhimento”, “no projecto comunitário”, “na planificação pastoral”, “nas economias da comunidade”, e desaguando na dimensão da *internacionalidade das nossas comunidades*, nas situações de *espiritanos vivendo sozinhos* e nas *conflituosas realidades de confrades em dificuldade*.

Bem mais perto de nós temos o Capítulo Provincial de 2002, celebrado em ambiente festivo e de jubileu dos “25 anos da Província”, numa hora que ainda não fazia sonhar o que viria a acontecer acerca da mudança dos tempos de guerra para tempos de paz. Mas as constatações feitas, como vimos acima, continuam a ser interpelação, porque a paz vai levar mais tempo a construir do que levou a guerra a destruir. Daí a urgência em priorizar as orientações tomadas, claramente visíveis no que de positivo o Capítulo constatou: «*Positivamente, a consciência do povo como participante activo na procura da paz e nas questões sociais cresceu consideravelmente; nota-se também um maior empenho da Igreja e da sociedade civil na procura de uma solução pacífica para o país. É notória uma maior liberdade de expressão, pelo menos na capital do país, havendo a sublinhar a coragem de muitos jornalistas; neste contexto, é salutar o impacto da Rádio Ecclesia e de alguns jornais privados. Por outro lado, deixam entrever dias melhores os Protocolos assinados entre a Igreja e o Governo, no plano da Educação e de Registo de Menores*»⁹.

4. Conclusão e desafio

Ao recordar os passos vividos, gostaríamos de continuar a clamar pelas implicações missionárias do nosso “*cor unum et anima una*”. Que o jubileu dos 25 anos seja semente de maior unidade entre nós, ad intra e ad extra. Que o jubileu nos dinamize e encoraje na busca de caminhos novos, rumo à evangelização com «maior ardor, novos métodos e novas expressões».

⁹ Cf. Capítulo provincial de 2002, Doc. A Nossa missão em Angola hoje.